

EXPEDIÇÃO CIENTÍFICA - GRACIOSA 1988

José Guilherme de Campos Fernandes

Departamento de Biologia da Universidade dos Açores
P-9502 PONTA DELGADA codex

O Departamento de Biologia da Universidade dos Açores organizou uma Expedição Científica à ilha Graciosa, no período que decorreu entre os dias 6 e 14 do passado mês de Junho. Nele participaram 26 investigadores e técnicos portugueses e estrangeiros, a maioria dos quais deste Departamento .

A Secção de Geografia fez-se representar nos trabalhos desenvolvidos através da pessoa do signatário. Como objectivos prioritários desta participação, três se apontam:

- 1 - A oportunidade de se ficar a conhecer uma das ilhas mais pequenas e mais isoladas do arquipélago dos Açores e de, no local, se poder observar a intensidade e a forma como os seus habitantes sentem e reagem aos condicionamentos geográficos que lhes foram e são impostos.
- 2 - Proceder-se a uma exploração sumária da situação da ilha, naquilo que se relaciona com os movimentos e a estrutura da população, as actividades, as formas de ocupação e exploração do espaço etc, com a intenção de elaboração de um ensaio prospectivo.
- 3 - Circundar a ilha pelo mar para observação das arribas costeiras.

A brevidade do tempo de estada da expedição na ilha (apenas seis dias), não permitiu que as observações de campo pudessem ser levadas a cabo com muito rigor e profundidade, pesada embora que seja a escassez espacial da Graciosa. Este condicionamento obrigou ao carácter exploratório que caracterizou as acções desenvolvidas, pelo que, o presente relatório deve ser tomado apenas como um levantamento das possibilidades interventivas da Secção de Geografia, no desenvolvimento de eventuais projectos futuros.

Graciosa é a ilha mais setentrional do Grupo Central dos Açores. Ela é a segunda mais pequena do arquipélago e, como todas as outras, é de origem vulcânica e de constituição essencialmente basáltica. O relevo da ilha é pouco movimentado: o ponto mais cotado tem 402 metros (Serra da Caldeira), desenvolvendo-se a maior parte do chão emerso abaixo da curva de nível dos 300 metros.

Sob o ponto de vista climático, a ilha inscreve-se no conjunto das dos Açores, com clima temperado acentuadamente marcado pela oceanicidade. No entanto, a ausência pluviogénica do relevo leva a que as chuvas sejam menos abundantes, criando, às vezes, situações de escassez de água.

A POPULAÇÃO

O povoamento da Graciosa ter-se-á iniciado, de forma espontânea, a partir da ilha Terceira, provavelmente em meados do século XV. Em 1693 os habitantes eram já em número de 5.658. Em 1864 (data do primeiro censo oficial realizado nos Açores) a população da ilha contava-se em número de 8.718 pessoas.

Cedo a pressão demográfica fez sentir o seu peso na ilha, abrindo as portas à emigração e levando a que o número de habitantes diminuisse progressivamente até 1920, ano em que são recenseadas 7.477 pessoas.

A recessão económica dos anos 30, a Segunda Guerra Mundial e o período pós-guerra, são factores exógenos à Região que virão influenciar o balanço demográfico. A emigração é dificultada, o que leva a que a população graciosense vá aumentando até 1950, ano em que atinge o seu valor máximo de sempre (9.617 habitantes). Daí para cá a emigração conheceu novo incremento, levando a que o descréscimo populacional sangrasse a população até à sua representatividade mínima (5.433 habitantes), atingida em 1981.

O fenómeno emigratório manifestou-se sempre de forma muito intensa na Graciosa, fazendo com que aquela ilha detenha os valores mais elevados das taxas de emigração do arquipélago, nomeadamente nas décadas de 1961-70 e 1971-80, durante as quais os fluxos emigratórios atingiram os valores médios de 21.9% e 25.3% respectivamente.

Hoje, a Graciosa é pouco povoada. A fuga continuada de gentes não só a sangrou na sua maior riqueza, como também conduziu ao progressivo envelhecimento da população e ao consequente depauperamento da sua capacidade produtiva.

Não existem estimativas seguras sobre os movimentos da população a partir da data do último censo. Apesar da ausência de números, tem-se como certo que o fluxo emigratório tem diminuído significativamente de intensidade em toda a Região. No entanto, na Graciosa, o seu valor (78% estimado para o período 1881-1986) continua acima do valor do saldo fisiológico, pelo que se mantêm ainda condições favoráveis à continuação do declínio demográfico.

A ECONOMIA. AS ACTIVIDADES E AS FORMAS DE OCUPAÇÃO DO SOLO

A economia da Graciosa assenta principalmente na agropecuária, actividade que, por si só, ocupa 52% dos activos e contribui com cerca de metade do PIB da ilha. Ainda no sector primário, a pesca praticada em moldes artesanais, contribui com peso diminuto (1.7% do PIB, em 1983) e a silvicultura quase não tem significado. Os outros dois sectores de actividades, repartem a responsabilidade no restante do PIB, com ligeira vantagem para o terciário, o que evidencia a reduzida representatividade da indústria na economia da ilha.

Este quadro coincide, em termos muito gerais, ao que define a economia da Região. No entanto, as reduzidas dimensões espaciais e humanas, o isolamento e as carências de que enfermam as estruturas produtivas, são factores que, em relação à Graciosa, agem de forma acrescida, contribuindo para a agudização dos desequilíbrios económicos que ali se fazem sentir.

No domínio da agropecuária, os desequilíbrios mais gritantes residem no tipo de estrutura fundiária existente e dimensionamento das explorações, na forma de ocupação do solo, na estrutura etária dos produtores e no nível de alfabetização dos mesmos.

Como mostra o Quadro I, a estrutura fundiária da Graciosa caracteriza-se pela prevalência das pequenas explorações.

Da leitura do quadro ressalta o domínio numérico das explorações com dimensão inferior a 1 hectare, as quais ocupam 7.5% da SAU da ilha, logo seguido pelo número de explorações com dimensões compreendidas entre 1 e 5 hectares (39.0%) que preenchem 34.4% da SAU. Acrescente-se ainda que a dimensão média das explorações da ilha é cerca de 2.6 hectares, área muito reduzida, mesmo quando apenas comparada com a dimensão média achada para o arquipélago (5.6 hectares).

QUADRO I. Distribuição das explorações agrícolas por classes de área em 1985 (ilha Graciosa).

classe de área hectares	nº de explorações %		superfície %	
	1977	1985	1977	1985
1	55.3	50.4	12.2	7.5
1-5	37.3	39.0	42.7	34.4
5-10	5.0	7.4	17.8	18.9
10-20	2.0	3.0	13.5	14.7
20-50	0.3	0.7	8.1	6.6
50	0.1	0.5	5.7	17.7

No que se refere à forma de ocupação dos solos, socorramo-nos também de um quadro, no qual registámos a distribuição das culturas, por área, naquela ilha, em 1985 (Quadro II).

A leitura dos valores registados evidencia a importância dominante assumida pela pecuária, traduzida aqui pelo predomínio claro da área dedicada às pastagens permanentes (57.5% da área de cultura). Note-se entretanto que a este valor teremos que acrescentar ainda o correspondente à "terra arável" destinada à produção de forragens e aqui não individualizado.

QUADRO II. Repartição das culturas (por área) na Graciosa - 1985

culturas permanentes	terra arável	pastagens permanentes	florestas	matos	outros	total
superfície hectares	281	608	161.549	251	6	2.810

De entre as "culturas permanentes" a vinha mostra-se com elevada representatividade pois ocupava 255 hectares (90.7%) dos 281 hectares a elas dedicados. No entanto, e como mostra o Quadro III, apesar da área que ainda ocupa, a vinha, bem como as restantes culturas (incluindo a floresta), tem conhecido uma retracção progressiva a favor da representatividade das áreas de pastagens e de produção de forragens, o que evidencia claramente a importância ascendente que a criação de gado está a adquirir na economia da ilha, a qual, resvala perigosamente para o domínio da monocultura.

QUADRO III. Evolução da ocupação do solo na ilha Graciosa

	área ocupada %	
	1975	1985
SAU	90.3	89.0
culturas permanentes	44.9	10.0
culturas anuais	13.7	21.6
pastagens	31.7	57.5
florestas	2.8	1.7
matos e outras	6.9	9.1
total	100.0	100.0

Para uma breve análise da estrutura etária e do nível de alfabetização dos produtores individuais graciosenses, observemos os valores constantes no quadro que se faz transcrição.

QUADRO IV. Idades e níveis de alfabetização dos produtores individuais da Graciosa - 1985

grupos de idades	analfabetos %	ler e escrever %	ensino básico %	ensino secund.%
25 anos	16.0	12.0	64.0	8.0
26-39 anos	5.2	10.5	81.9	2.4
40-49 anos	23.0	16.0	59.5	1.2
50-64 anos	36.2	27.2	35.0	1.0
65 anos	56.5	34.0	9.0	0.3
população total	33.5	24.0	41.3	1.3

Como os valores apresentados mostram, o analfabetismo atinge taxas extremamente elevadas, afectando a terça parte da população total da ilha. Se tivermos em conta que 63.5% dos produtores individuais graciosenses têm idade superior a 50 anos, detendo a posse de 62.5% da área de exploração da ilha, e que, de entre eles, 43.35% são analfabetos, ficamos na posse de informações cuja eloquência nos ajuda na compreensão da fragilidade das estruturas produtivas deste sector.

CONCLUSÃO

Os dados estatísticos que expusemos, embora que não trabalhados de forma exaustiva (dada a finalidade restrita deste relatório), possuem no entanto eloquência suficiente para denunciar desequilíbrios que, por si só, são o bastante para desorganizar a economia da ilha. No entanto, sendo o bastante, não são infelizmente os únicos.

A Graciosa, como todas as outras ilhas do arquipélago, acusa em todos os aspectos da existência das suas gentes, o preço dos elevados custos da sua natureza insular. O isolamento de que é vítima e a escassez do seu chão, são realidades inultrapassáveis cujo peso a vontade dos homens só muito dificilmente conseguirá aligeirar. A solidão e pequenez, aliam-se ainda, como inimigos do progresso, a falta de dimensão da população, o envelhecimento que a emigração lhe traz e a ausência de flexibilidade nos sistemas produtivos.

Como as outras ilhas, a Graciosa empenhou-se na afirmação de uma estrutura económica monoprodutora, com o quase total abandono das outras actividades. Como resultado, nos dias de hoje, ela já nem consegue produzir o suficiente para garantir a autosuficiência alimentar da população.

O subsector da indústria inscreve-se quase exclusivamente na área de transformação de produtos alimentares (lacticínios e bebidas). A reduzida capacidade de oferta de emprego neste sector, obriga à emigração do excesso de mão-de-obra do primário e ou à sua canalização para o já muito dilatado terciário (serviços e administração local).

Quem conheça a Graciosa sente que o seu futuro, atendidas que sejam as privilegiadas condições naturais, não se alicerça na pecuária e nos lacticínios. Para tal falta-lhes espaço.

Em 1985, o gado bovino existente na ilha era em número de 3.463 cabeças, das quais 1.114 eram leiteiras. Estas últimas distribuídas por 486 explorações (3.3 animais por exploração) tiveram uma produção leiteira média de 900 litros ano, valor extremamente baixo, quando comparado com a produção média anual obtida nos Açores (4.500 litros) e na Comunidade Económica Europeia (10.500 litros).

Como aqui já se frisou, à Graciosa faltam-lhe dimensão espacial e dimensão humana, verdades que amarram fatidicamente a ilha à dependência do exterior. No entanto, essa dependência não devia torná-la subserviente das

outras, porque ela encerra recursos potenciais capazes de a fazer atractiva, desde que convenientemente explorados.

A criação de gado associada a uma agricultura mais diversificada e liberta do arcaísmo dos seus sistemas de produção, quase conseguiria garantir a autosubsistência alimentar. A pesca costeira, olhada como actividade não artesanal, seria outra importante ajuda para a libertação da ilha da dependência do exterior.

O vinho, de qualidade, deveria ser preferencialmente um produto de exportação. As características muito próprias do vinho verde da Graciosa e a sua qualidade, são atribuições que, à partida, garantiriam a abertura das portas do comércio exterior. No entanto, também aqui é sentida a necessidade de modernização dos métodos de cultura dos vinhedos e de produção do vinho.

Ainda no domínio da exportação, a exploração de culturas forçadas de produtos bem cotados no mercado do exterior, podia tornar-se numa alternativa económica muito válida. As condições do clima dos Açores favorecem a ambientação no interior das estufas, para cuja exploração se vocacionam especialmente ilhas pequenas como a Graciosa, nas quais, a escassez do espaço não permite o desenvolvimento de vastas áreas agricultadas, nem a fixação de grupos humanos numerosos.

Finalmente, e virado ainda para o exterior, o turismo especializado pode tornar-se noutro vector importante no desenvolvimento económico da ilha. A título exemplificativo, saliente-se que o mar de Graciosa, ecologicamente impoluido e faunisticamente muito rico, facilmente se transformaria num polo turístico de importância, desde que criadas as estruturas suficientes para dar resposta capaz às solicitações do exterior e desde que convenientemente divulgadas as suas potencialidades entre os apaixonados pelo mundo submarino. Neste aspecto, o pequeno e abrigado porto da Folga, localizado na costa sul da ilha, possui condições ímpares para se tornar num centro turístico e científico de mergulho submarino, empreendimento que, convenientemente projectado, facilmente grangearia a atenção de fontes financiadoras do exterior, entre as quais a CEE.